

Artigo Científico

A Experiência Operacional do 7º Contingente do Batalhão Brasileiro no HAITI: Mudança de Fase

James Bolfoni da Cunha()*

1 - INTRODUÇÃO

Logo que regresssei ao BRASIL, antes mesmo de me apresentar à minha Organização Militar (OM), fui instado a escrever sobre a experiência operacional do 7º Contingente do Batalhão de Infantaria de Força de Paz no HAITI.

O Contingente, majoritariamente constituído por militares da 3ª Divisão de Exército (3ª DE), operou naquele país de 06 de junho a 07 de dezembro de 2007, num setor predominantemente urbano, na área metropolitana de Porto Príncipe, tendo, também, responsabilidade sobre a ilha de La Gonave, localizada no golfo de mesmo nome, a oeste da capital haitiana.

Esse setor abrange três municípios:

- Porto Príncipe, ao sul – genericamente chamado pela tropa de Bel Air, onde se encontra o centro político-administrativo do país;

- Delmas, a leste – conhecida pelo contingente como Cité Militaire, que inclui a principal área industrial haitiana; e

- Cité Soleil, ao norte.

Ressalta-se que as áreas desses três municípios extrapolam, em muito, os limites do setor do Batalhão.

A missão de paz no Haiti tem sido rica em ensinamentos para as Forças Armadas, não se limitando apenas ao emprego operacional. No tocante ao Exército, lições podem ser retiradas, desde a seleção e o preparo de cada contingente até o regresso e desmobilização, passando por raras oportunidades, como a execução da logística combinada, a utilização intensiva de equipamentos e armamentos modernos, as avaliações dos estados moral e sanitário da tropa em operações, dentre outras.

É interessante, pois, apresentar a experiência recente vivenciada pelo 7º Contingente, com foco na área operacional,

bem como atualizar os militares da Força Terrestre quanto à atual situação do Batalhão no Haiti.

2 - DESENVOLVIMENTO

a) O Batalhão e a sua Seção de Operações

O 7º Contingente do “Brazilian Battallion” (BRABAT), uma das onze OM operacionais de diversos países que integram a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH), tinha efetivo de mil e oitenta homens, sendo trinta e um paraguaios. Compõe-se, desde 2004, de seis subunidades (SU): três Companhias de Fuzileiros, um Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado, um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (com uma estrutura similar a uma SU independente do Exército) e uma Companhia de Comando e Apoio (CCAp). As peças de manobra são quaternárias, tendo em vista que, normalmente, ¼ do efetivo está fora de serviço nos leaves ou “arejamentos”.

O Batalhão ocupa, desde maio de 2007, a Base General Bacellar, localizada no Campo Charlie (município de Tabarre), em substituição ao Campo Bravo, localizado no Campus da Universidade, onde a unidade permanecera desde o 1º Contingente. A nova base dista cerca de quinze minutos de deslocamento motorizado do setor brasileiro. Nela, instalaram-se a CCAp e duas SU. Os Fuzileiros Navais permaneceram em sua base própria (Base Raquel de Queiroz), ao lado do aeroporto, enquanto ainda existem duas companhias destacadas fora do Campo Charlie: uma no Forte Nacional, perto do centro de Porto Príncipe, e outra na Base Plínio Pitaluga, próxima à Cité Soleil.

O Comandante do 7º Contingente decidiu manter na 3ª Seção a mesma estrutura

(*)O autor é Tenente-Coronel da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro. Atualmente é o comandante do 12º R C Mec (Jaguarão/RS). (E-Mail: bolfoni@hotmail.com).

que vinha sendo utilizada pelos contingentes anteriores: dividiu-a em Seção de Planejamento (Sec Plj) e Centro de Operações Táticas (COT).

A Seção de Planejamento foi responsável pelas missões futuras, recebidas tanto do Comando do Batalhão, como da MINUSTAH. Para tanto, elaborou a documentação pertinente (padronizou-se a expedição de Ordens Fragmentárias – O Frag); coordenou os diversos sistemas operacionais; acompanhou o desenvolvimento da situação em médio e longo prazos; e programou atividades de instrução para a tropa.

O COT foi responsável por conduzir as operações e as atividades correntes; elaborar ampla gama de documentos, inclusive o “Situation Report” (SITREP); e coordenar assuntos operacionais e de segurança com a UN Police (UNPOL), com a Polícia Nacional do Haiti (PNH), com as demais tropas da MINUSTAH e com o staff civil da ONU.



Fig 1 – Centro de Operações Táticas

Essa estrutura – Planejamento e COT – não é doutrinária no escalão unidade, porém se mostrou, na prática, adequada. Para exemplificar, a Subseção de Planejamento preparou durante os seis meses de missão, cento e quarenta e quatro O Frag, muitas delas quase uma ordem de operações completa. Portanto, verifica-se a necessidade de haver uma equipe realizando o planejamento constante das missões futuras e outra conduzindo as operações e solucionando os problemas rotineiros.

b) Situação na chegada do contingente

A situação que o 7º Contingente herdou em junho de 2007 era positiva, pois o setor do BRABAT se encontrava sob controle. Não havia indícios de reorganização de gangues ou do movimento dos ex-militares do Exército Haitiano, os índices de criminalidade estavam baixos e a maioria da população era, aparentemente, favorável à presença das tropas da ONU. É importante salientar, porém, que essa situação era mantida graças a uma forte presença militar na área.

Numa avaliação inicial, verificou-se que os seis primeiros contingentes teriam pacificado o setor brasileiro. Eles foram empregados, de junho de 2004 a março de 2007, em menor ou maior grau, como Força de Pacificação, conforme preconiza a doutrina de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Foi, portanto, um período caracterizado pela Fase Operativa.

O desdobramento adotado pelo contingente anterior era típico de uma área de pacificação, com uma concentração maior de forças nas áreas onde havia sido recentemente registrada maior atividade de forças adversas. Enquanto, em Bel Air, uma companhia ocupava mais de 50% do setor do BRABAT, três subunidades, inclusive todos os meios blindados, dividiam Cité Soleil – 25% da área.

Persistiam demonstrações de hostilidade contra a tropa, apesar de serem raras e cada vez menos intensas. Dias antes da passagem de comando do 6º para o 7º Contingente, houve um embate que resultou na morte de um importante líder de Cité Soleil, gerando significativa tensão nesta área.

Esses indicadores contraditórios, positivos e negativos, levaram a uma falta de consenso, no âmbito da unidade, quanto à total pacificação na área de responsabilidade do Brasil. Assim, o comandante do BRABAT decidiu manter inalterado o seu desdobramento, até avaliar melhor a situação. Antes de qualquer mudança significativa, duas questões precisavam ser respondidas: a área

fora realmente pacificada? Se fora pacificada, seria o caso de migrar para um desdobramento adequado à Fase Preventiva prevista na doutrina brasileira?

c) Período de mudanças

Os meses de junho e julho foram marcados por mudanças no âmbito da MINUSTAH. As operações tipicamente militares foram desaconselhadas pelo “Force Commander”, tendo em vista que a ONU não as considerava adequadas politicamente.

A presença da PNH, antes apenas desejável, passou a ser obrigatória em todas as operações de rotina do Batalhão. Também foi determinado pelo “Force Commander” que as tropas deveriam respeitar os ritos legais para realizar suas operações e prisões. Essas novas orientações alteravam significativamente o modus operandi adotado pelos seis contingentes anteriores. Assim, foram emitidas diretrizes que davam nova interpretação às regras de engajamento das Nações Unidas, iniciando-se um período de acomodação e assimilação por parte da tropa.

As novas orientações eram adequadas para Bel Air, porque esta área realmente era patrulhada pela PNH. Portanto, a presença policial garantia o respaldo legal necessário às ações do Batalhão. Nesta área, os procedimentos do BRABAT não diferiam muito do emprego das Forças Armadas na GLO em situação de normalidade no Brasil.

O mesmo não ocorria ao norte, em Cité Soleil, e em grande parcela de Cité Militaire, pois se tratava de uma área onde a PNH e a UNPOL não se faziam presentes. Ali, as tropas da MINUSTAH atuavam praticamente sem apoio policial.

A ausência do Estado Haitiano e da própria ONU em Cité Militaire e Cité Soleil obrigou o BRABAT a intensificar o trabalho conjunto com o staff civil da ONU, bem como com as Organizações Não-Governamentais (ONG) e representantes de governos interessados na normalização da área.

Para atender aos desafios dessa fase de transição e cumprir a missão de manter o

ambiente seguro e estável, o comando do BRABAT criou uma turma de assuntos civis, ligada à Seção de Planejamento, que se mostrou fundamental para que os objetivos da unidade fossem atingidos.

Esse conjunto de mudanças marcou o dia-a-dia do BRABAT e foi, também, mais um indício de que a pacificação realmente tivera sucesso.

d) O emprego do batalhão

Apesar do novo cenário formado, houve operações de combate, como de cerco e vasculhamento. A ênfase, porém, foi nas operações tipo-policia, tais como:

- patrulhamento a pé, motorizado, mecanizado, marítimo e aéreo;
- estabelecimento de ponto de segurança estático (PSE);
- emprego de pontos de bloqueio e controle de vias urbanas (Check Points);
- manutenção de Pontos-Fortes;
- segurança de autoridades; e
- escoltas.



Fig 2 – Patrulhamento motorizado

Os objetivos traçados pelo Comandante do Batalhão para essas operações foram a:

- obtenção/manutenção da confiança da população;
- prevenção da criminalidade; e
- coleta de informações.

Para atingir tais objetivos, o comando do BRABAT determinou: a busca da visibilidade das ações; a ênfase no patrulhamento a pé; o estabelecimento de cerrado contato com a população; e, por fim,

a manutenção de atitude profissional.

A visibilidade foi obtida pela manutenção de pontos fortes, demonstrações de força e a execução de um intenso programa de patrulhas e check points.

A ênfase das patrulhas a pé foi garantida por uma presença massiva da tropa, tanto de dia, como à noite, de modo que nenhuma rua ou beco deixasse de ser patrulhado num curto intervalo de tempo. Os resultados dessa medida foram expressivos, aproximando ainda mais a tropa da população e criando elevada sensação de segurança.

O contato com a população foi obtido pelas já citadas patrulhas a pé, por ações cívico-sociais, estreito trabalho com as agências civis da ONU e pelo incentivo à

tropa para interagir com os haitianos. Quanto a esta última medida, é válido citar que o soldado brasileiro demonstrou facilidade de cumprir tal recomendação, sem perder, no entanto, o foco no cumprimento de sua missão.

A atitude profissional caracterizou-se pelo(a): boa apresentação; utilização correta do equipamento; estado de prontidão; bom relacionamento com a população; e manutenção do foco na missão do Batalhão.

Para visualização do esforço do BRABAT no que tange às operações de rotina, apresenta-se o quadro abaixo, relativo aos dois últimos meses de atuação do contingente.

OPERAÇÃO	MÉDIA DIÁRIA	MÉDIA SEMANAL	DURANTE Set e Out
Patrulhas a pé	25	211	1820
Patrulhas Motorizadas	10	74	626
Patrulhas Mecanizadas	4	25	232
Patrulhas Marítimas	1.4	9.8	84
Reconhecimentos Aéreos	0.3	2.3	20
Check Points	3	35	202
Pontos Fortes / PSE	9	-	9 (1)
Segurança de autoridades	1	12	88
Escoltas	-	3	50
Busca e apreensão	eventual	eventual	eventual

As patrulhas conjuntas com a PNH e as “Formed Police Units” (FPU) foram tratadas com prioridade pelo Batalhão. Essa medida foi fundamental para o pleno cumprimento das novas orientações do “Force Comander” quanto à legalidade das ações. Em Bel Air, essa rotina já estava consolidada desde contingentes anteriores, mas em Cité Militaire e Cité Soleil houve necessidade da tropa brasileira oferecer ampla gama de facilidades para que a polícia retornasse, lentamente, a essas áreas.

A pacificação de Cité Soleil atraiu a

atenção de mídia mundial e, como consequência, foram numerosas as visitas de altas autoridades e comitivas nessa área.



Fig 3 – A pacificação

As operações de busca e apreensão, comuns em junho e julho, sofreram redução significativa a partir de agosto. Mas em meados de outubro, graças à ação mais efetiva da polícia em Cité Soleil, em especial da UNPOL, houve incremento desse tipo de operação.

É importante salientar que o Batalhão modificou diversas vezes suas formas de atuação, com a finalidade de manter a iniciativa. Com isso, conseguiu se manter sempre um passo adiante dos criminosos, surpreendendo-os diversas vezes.

e) A mudança de fase

Em agosto, havia indícios suficientes para se chegar à conclusão de que era o momento oportuno para mudança do desdobramento da unidade. O comando do Batalhão teve certeza, portanto, de que a pacificação fora concretizada.

Passaram a ser considerados os fatores de planejamento da Fase Preventiva previstos na doutrina de GLO, com destaque para a divisão político-administrativa, jurisdição policial e equilíbrio na dimensão das áreas.

Ainda assim, como não havia efetiva presença policial em Cité Soleil e Cité Militaire, houve necessidade de se manter um efetivo importante em ambas as áreas.

Assim, o Batalhão passou de um desdobramento voltado para a fase de Operações, para um que o aproximou da fase Preventiva. Não se pode, entretanto, afirmar que o desdobramento atual caracteriza totalmente uma mudança de fase, já que ainda há um maior esforço ao norte do setor brasileiro.

f) Período final

Após a mudança do desdobramento, intenso programa de patrulhas foi iniciado, com o objetivo de fazer com que a tropa assimilasse tais mudanças.

Houve incremento da ação da UNPOL em Cité Soleil, como já citado. Numerosos mandados de prisão foram expedidos pela

Justiça Haitiana, cumpridos em ações que empregaram o BRABAT, as FPU e a PNH.

Com objetivo de marcar o regresso da PNH às áreas anteriormente conflagradas, várias operações de cerco e vasculhamento passaram a ser executadas de forma conjunta com o BRABAT em todo o setor.

Poucos dias antes da chegada do 8º Contingente, a MINUSTAH alterou seu desdobramento, cabendo ao BRABAT assumir uma área industrial e portuária, que antes fora responsabilidade de uma Companhia Peruana.

Há previsão de outras modificações importantes, como as transferências da Base Raquel de Queiroz para o Campo Charlie e da companhia que atualmente ocupa a Base Plínio Pitaluga para instalações localizadas dentro do setor brasileiro.

Os índices de criminalidade passaram a ser medidos pela UNPOL, se revelando baixíssimos, o que demonstrou que a ação das tropas brasileiras foi eficiente. Obteve-se, também, total simpatia da população nas regiões recentemente pacificadas.

Apesar desses excelentes indicadores, havia indícios de ações criminosas isoladas. A Justiça Haitiana libertou, por falta de provas, dezenas de suspeitos de integrarem gangues de criminosos. Esses fatos, aliados à insuficiência de forças policiais, às informações da existência de grande arsenal escondido (cachês) e à existência de uma massa de jovens desocupados, facilmente cooptáveis para o crime, são preocupantes, inspirando cuidado.

Não se pode ignorar, também, a inquietação da população. Ela reconhece que agora há segurança, mas clama por empregos, condições mínimas de sobrevivência, escola universal e gratuita, água potável, esgoto, energia elétrica e telefonia. Há um consenso dentre os haitianos de que a ONU lhes devolveu o direito de ir e vir, mas não melhorou sua situação socioeconômica. Houve um gap, portanto, entre o sucesso militar na pacificação e a retomada do desenvolvimento.

O segmento militar da MINUSTAH terá

sucesso quando a responsabilidade pelo ambiente seguro e estável conquistado passar para os haitianos. Como o Haiti não possui Forças Armadas ou Guarda Nacional, a PNH tem a dupla missão de zelar pela Segurança Pública e pela defesa e estabilidade do país. Trata-se de um desafio significativo a ser vencido.

Para evitar que o excelente trabalho de pacificação realizado pelos seis primeiros contingentes se perca, há necessidade de se manter a pressão constante em toda a área, preferencialmente contando com crescente participação policial.

Pode-se afirmar que os seguintes objetivos operacionais definidos pelo Comando do Batalhão foram atingidos: o incremento das patrulhas a pé, sem haver redução das patrulhas motorizadas e blindadas; a melhoria da coordenação com as demais unidades militares e policiais; a consolidação de um posto policial permanente em Cité Soleil; a devolução da Base BRAVO e diversos pontos que perderam valor militar; a manutenção da presença em todo o setor do Batalhão; e a redução significativa dos índices de criminalidade, por meio de forte pressão exercida pela tropa.

3 - CONCLUSÃO

O 7º Contingente do Batalhão HAITI encontrou um setor pacificado pelos contingentes anteriores. Após dois meses de atuação, modificou seu modus operandi e reajustou seu desdobramento, caracterizando o final da fase operativa.

O sucesso na manutenção de um ambiente seguro e estável foi obtido pela combinação de quatro fatores básicos:

- chegada agressiva, impondo uma rotina intensa de patrulhas, particularmente a pé;
- atitude profissional da tropa;
- ótimo relacionamento com a população; e
- forte presença militar nas áreas críticas.

A PNH ainda não tem condições de substituir o BRABAT, quer na segurança pública, quer na manutenção da normalidade

institucional. As ações para reconstrução do país progridem em ritmo lento. Portanto, a situação indica que a presença militar ainda será necessária por tempo considerável, fato este admitido pelo próprio Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CS/ONU).

Como visão de futuro, espera-se que a PNH consiga atuar com eficiência em Bel Air, em poucos anos. Entretanto, tal situação, provavelmente, não ocorrerá com Cité Soleil e Cité Militaire, em curto prazo.

Concomitantemente, se espera um aumento das ações dos órgãos do governo haitiano, agências da ONU e ONG, com o objetivo de reconstruir as instituições e a infraestrutura nacionais. Far-se-á necessária, portanto, a manutenção do bom relacionamento do Batalhão com o segmento civil presente no país.

Conclui-se que a melhoria da situação na área de responsabilidade brasileira no Haiti deverá evoluir lentamente. Há necessidade, portanto, do BRABAT estabelecer seus objetivos operacionais a longo (fim da missão), médio e curto prazos. O desafio das tropas é manter a área segura até que o desenvolvimento econômico e a normalização institucional, por si só, criem as condições mínimas para o Haiti voltar a ser a “Pérola do Caribe”.